

## CAPÍTULO LXXXII<sup>1</sup>

### Questão de botânica

Digam o que quiserem<sup>2</sup> dizer os hipocondríacos: a vida é uma cousa doce. Foi o que eu pensei comigo, ao ver Sabina, o marido e a filha descerem de tropel as escadas, dizendo muitas palavras afectuosas para cima, onde eu ficava – no patamar, – a dizer-lhes outras tantas para baixo. Continuei<sup>3</sup> a pensar que, na verdade, era feliz. Amava-me uma mulher, tinha a confiança do marido, ia por secretário de ambos, e reconciliava-me com os meus. Que podia desejar mais, em vinte e quatro horas?

Nesse mesmo dia, tratando de aparelhar os ânimos, comecei a espalhar que talvez fosse para o norte como secretário de província, a fim de realizar certos desígnios políticos, que me eram pessoais. Disse-o na rua do Ouvidor, repeti-o no dia seguinte, no Pharoux e no teatro. Alguns, ligando a minha nomeação à do Lobo Neves, que já andava em boatos, sorriam maliciosamente, outros batiam-me no ombro. No teatro disse-me uma senhora que era levar muito longe o amor da escultura. Referia-se às belas formas de Virgília.

Mas a alusão mais rasgada que me fizeram foi em casa de Sabina, três dias depois. Fê-la um certo Garcez, velho cirurgião, pequenino, trivial e grulha, que podia chegar aos setenta, aos oitenta, aos noventa anos, sem adquirir jamais aquela compostura austera, que é a gentileza do ancião. A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.

– Já sei, desta vez vai ler Cícero, disse-me ele, ao saber da viagem.

– Cícero! exclamou Sabina.

– Pois então? Seu mano é um grande latinista. Traduz Virgílio de relance. Olhe que é Virgílio, e não Virgília... não confunda...<sup>4</sup>

E ria, de um riso grosso, rasteiro e frívolo. Sabina olhou<sup>5</sup> para mim, receosa de alguma réplica; mas sorriu, quando me viu sorrir, e voltou o rosto para disfarçá-lo. As outras pessoas olhavam-me com um ar de curiosidade, indulgência e simpatia; era transparente que não acabavam de ouvir nenhuma novidade. O caso dos meus amores andava mais público do que eu podia supor. Entretanto sorri,<sup>6</sup> um sorriso curto, fugitivo e guloso, – palreiro como as pegas de Sintra. Virgília era um belo erro, e é tão fácil confessar um belo erro! Costumava ficar carrancudo, a princípio, quando ouvia alguma

<sup>1</sup> CAPÍTULO LXXXII] CAPÍTULO LXXXIII – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> Digam o que quiserem] Digam o quiserem – em MPBC3-1896 e em MPBC2-1899.

<sup>3</sup> Continuei] E continuei – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>4</sup> não confunda...] não confunda... Ah! ah! ah! – em MPBC1-1880.

<sup>5</sup> Sabina olhou] Sabina empalideceu e olhou – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>6</sup> Entretanto sorri,] E entretanto sorri, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

alusão aos nossos amores; mas, palavra de honra! sentia cá dentro uma impressão suave e lisonjeira. Uma vez, porém, aconteceu-me sorrir, e continuei a fazê-lo das outras vezes. Não sei se há aí alguém que explique o fenômeno.<sup>7</sup> Eu explico-o assim: a princípio, o contentamento, sendo interior, era por assim dizer o mesmo sorriso, mas abotoado; andando o tempo, desabotoou-se em flor, e apareceu aos olhos do próximo. Simples questão de botânica.

---

<sup>7</sup> Não sei se há aí alguém que explique o fenômeno.] Não sei se há aí algum Hobbes ou Spinoza, que explique o fenômeno. – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.